

CURSO LIVRE “O GOLPE DE 2016 E O FUTURO DA DEMOCRACIA NO BRASIL”

Local: Auditório Fausto Castilho - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp

Horário: 17h - 19h

Unidade I - As controvérsias sobre o golpe

12 de março

1. A caracterização de golpe de Estado na teoria política

Alvaro Bianchi (DCP)

A aula discutirá a história do conceito de golpe de estado. Toma como ponto de partida as reflexões de Gabriel Naudé no século XVII e o uso que foi feito deste a partir do século XIX, quando seu uso se torna mais frequente. No século XX, a recorrente intervenção das forças armadas na vida política estabeleceu uma relação de identidade entre golpe de estado e golpe militar, mas os recentes processos políticos no Paraguai, Honduras e Brasil mostram a necessidade de revisitar o conceito e de reconstruí-lo de modo rigoroso.

ALMEIDA, Frederico de. O STF não vai barrar o golpe porque ele é parte do golpe, *Justificando*, 29 de abr. 2016. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2016/04/29/o-stf-nao-vai-barrar-o-golpe-porque-ele-e-parte-do-golpe/>

BIANCHI, Alvaro. O que é um golpe de estado. *Blog Junho*, 26 mar. 2016. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/o-que-e-um-golpe-de-estado/>

LUTTWAK, Edward. *Golpe de Estado: um manual prático*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1991 [1969].

MALAPARTE, Curzio. *Técnica do golpe de estado*. Lisboa: Europa-América, 1983.

NAUDÉ, Gabriel. *Considérations politiques sur les coups d’Etat*. Paris: s.e., 1679.

ROBERTSON, David. *The Routledge Dictionary of Politics*. 3 ed. London: Routledge, 2004.

13 de março

2. As novas formas de golpe de Estado na América Latina

Wagner Romão e André Kaysel (DCP)

Processos recentes de destituição de presidentes na América Latina têm sido interpretados como golpes de Estado. Neles, maiorias parlamentares de ocasião apoiadas por atores políticos externos ao Parlamento pressionam os presidentes e, no limite, promovem sua queda. A aula apresentará os casos de Honduras, Paraguai, Brasil e Peru e discutirá como neles atuaram as próprias instituições políticas, forças sociais, a mídia, aparatos de segurança e a potência hegemônica norte-americana. Por fim, discutiremos como e se tais processos afetam o regime político nesses países.

DA SILVA, Fabricio. Fin de la marea rosa y el neogolpismo en América Latina. SIERRA, G. (org.). *Los progresismos en la encrucijada*. Montevideo. Universidad de la Republica, 2017, p. 79-98.

SOLER, Lorena. Golpes de Estado en el siglo XXI. Un ejercicio comparado Haití (2004), Honduras (2009) y Paraguay (2012). *Cadernos Prolam/USP*, v. 14, n. 26, p. 77-89, 2015.

MARTINEZ, Fernando Escobar y SÁNCHEZ, José Tomás Gómez. “Golpe Parlamentar no Paraguai: poder destituinte e crise partidária”. In. CRUZ, Sebastião Velasco, KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org.). *Direita Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 286-289.

MONTEIRO, Leonardo. Os neogolpes e as interrupções de mandatos presidenciais na América Latina: os casos de Honduras, Paraguai e Brasil. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 49, n. 1, mar./jun., 2018, p. 55-96.

19 de março

3. Velhas e novas técnicas do golpe de Estado

João Quartim de Moraes (DF)

Bases sociais, tropas de choque e situações de ruptura. Tópicos a serem desenvolvidos: aritmética do golpismo liberal: $32+32=64$; o “anti autoritarismo” da alta burguesia; as ilusões democráticas e o caráter de classe da máquina do Estado; as metamorfoses da síndrome fascista; a luta pela hegemonia cultural.

BOITO, Armando. “A crise política do neodesenvolvimento e a instabilidade da democracia”. *Crítica Marxista*, nº 42.

QUARTIM MORAES, João. "Alfred Stepan e o mito do poder moderador", *Filosofia Política*, LPM Editores, Porto Alegre, volume 2, 1985. Republicado em *Liberalismo e ditadura no Cone Sul*, Campinas, Coleção Trajetórias nº7, Ifch-Unicamp, 2001.

TOLEDO, Caio Navarro. "1964: golpismo e democracia. Falácias do revisionismo”. *Crítica Marxista*, nº19.

20 de março

4. A questão da fragilidade da democracia no Brasil

Mário da Silva e Mariana Chaguri (DS)

A aula discutirá alguns dos questionamentos acerca das frágeis bases em que se assentam a experiência democrática brasileira e sua condição constante de crise. Desde o suicídio de Getúlio Vargas em 1954 até os dias presentes, a máxima do começo do século XX de que, entre nós, a democracia não passa de uma lamentável mal-entendido (Cf. HOLANDA, 1933) parece se atualizar constantemente. De diagnóstico considerado negativo a variações de experiências sociais concretizadas na história política e cultural brasileira, esse debate é uma constante na imaginação sociológica sobre a realidade brasileira. São três os movimentos principais da aula: diferentes visões e formulações acerca da democracia e da crise no Brasil, vistas em alguns de seus elementos estruturais: a formação do Estado, a constituição da sociedade, as políticas econômicas de desenvolvimento, o debate sobre preconceito e democracia etc.; balanço e reflexão sobre tais fragilidades vistas a partir das resistências expressas em manifestações como as Ocupações do MinC e da Funarte, bem como as Ocupações Pretas e o Manifesto das Periferias.

HOLANDA, Sérgio Buarque. “Nossa revolução”. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1933.

FERNANDES, Florestan. “Existe uma crise de democracia no Brasil?” [1954]. *Mudanças sociais no Brasil: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira*. São Paulo: Global; 2008.

Unidade II - O golpe de Estado

26 de março

5. O golpe começou em 2013?

Francisco Foot Hardman (IEL)

1. O colapso do regime da Nova República emerge: as chamadas Jornadas de Junho. 2. Brasil desigual, democracia como exceção: a goleada da dominação oligárquica na história republicana (7x3). 3. Do “ovo da serpente” à oligarquia tucano-emedebista sob proteção militar (2013-18): um golpe de Estado em vários atos sequenciados.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *A democracia impedida: o Brasil no século XXI*. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

HARDMAN, Francisco Foot. Ilusões geográficas: sobre a volubilidade da noção de periferia no espaço-tempo global. *Letterature D'America*. Roma, XXXVI, (161-162), 2016a, pp. 5-18.

ISAAC, Jules. *Gli oligarchi. Saggio di storia parziale*. Palermo: Sellerio, 2016. [Ed. Orig. Francês: 1945]

27 de março

6. O contexto internacional e o golpe

Sebastião Velasco Cruz (DCP)

O debate sobre a ordem internacional pós Guerra fria: situação, ou ordem? Polaridade, ou multipolaridade? Globalização como eixo da grande estratégia dos Estados Unidos. Tempos de incerteza: choques e tendências de longo prazo. O Brasil e a América Latina na geopolítica da superpotência. A dimensão internacional do golpe de 2016.

VELASCO E CRUZ, Sebastião, “Considerações finais”. *Estados e Mercados. Os Estados Unidos e o sistema multilateral de comércio*. São Paulo, Ed. Unesp, 2017, pp. 291-299.

BORÓN, Atilio, “Prefacio a la primera edición chilena,” *América Latina en la Política del Imperialismo*. Buenos Aires, América en Movimiento, 2016, pp. 13-22.

VELASCO E CRUZ, Sebastião, “Ordem, ou desordem? Os Estados Unidos, a Rússia e o contexto político internacional da crise brasileira” *Carta Maior*, 20/09/2016.

2 de abril

7. A ideologia da nova direita

André Kaysel (DCP)

Quais são as bases ideológicas da chamada “nova direita” no Brasil? O que a distingue das tradições históricas da direita país? Como elementos tradicionais de diferentes discursos identificados com a direita - conservadorismo, liberalismo e nacionalismo - tem se combinado nos discursos de distintos atores políticos e intelectuais? Quais as convergências e tensões que perpassam o campo das direitas brasileiras contemporâneas? Estas são as perguntas que esta aula pretende formular e auxiliar a responder.

CHALOUB, J. e PERLATTO, F. “A Nova Direita: ideias, discurso e prática”. *In. Insight e Inteligência*. Ano XIX, no. 72, jan/fev/mar, 2016.

KAYSEL, A. “Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras”. *In. VELASCO E CRUZ, S, KAYSEL, A. e CODAS, G. Direita Volver! O retorno da Direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

ROCHA, C. “Passando O Bastão: a nova geração de liberais brasileiros”. *In. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos/en ligne/colloques/mis en ligne le 20/out/2017/consulté en 5/mar/2017*.

3 de abril

8. A divisão da classe média na crise política brasileira

Sávio Cavalcante (DS)

Manifestantes com perfil socioeconômico de classe média foram os protagonistas dos grandes atos públicos que marcaram a crise política em 2015 e 2016, especialmente nos eventos favoráveis à deposição de Dilma Rousseff. Apresento, nesta aula, argumentos que desenvolvi em trabalhos recentes e que procuram responder às seguintes perguntas: a) por que ainda é importante vincular processos políticos a interesses de classe e frações de classe? b) por que (e quando) parte majoritária da classe média rejeitou política e eleitoralmente os governos do PT e o “lulismo”? c) quais as relações entre as diferentes noções de meritocracia, os valores liberais e o movimento contra a corrupção?

CARDOSO, Adalberto; PRÉTECEILLE, Edmond. “Classes Médias no Brasil: do que se trata? Qual seu tamanho? Como vem mudando?”. *Dados - Revista de Ciências Sociais*. vol. 60, no 4, 2017, pp. 977-1023.

CAVALCANTE, Sávio. “Reprodução social e revolta política da classe média no Brasil recente”. Paper do 39º *Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, 2015.

HAYEK, Friedrich A. “Equality, Value, and Merit”. In: *The Constitution of Liberty: The Definitive Edition* (edited by Ronald Hamowy). Chicago: University of Chicago Press, 2011.

SILVA, Marcos. *A economia política da corrupção no Brasil*. São Paulo: Senac, 2011.

9 de abril

9. As direitas em movimento (2011-2016)

Luciana Tatagiba (DCP)

Uma das grandes novidades na crise política deflagrada com os vigorosos protestos de 2013, que culminaram no impeachment de Dilma Rousseff em 2016, foi o protagonismo das direitas nas ruas. Os protestos evidenciaram a existência dessa nova força política no Brasil ao mesmo tempo em que ofereceram o cenário para sua expressão pública. Essa aula busca refletir sobre essa força social emergente buscando inventariar suas manifestações empíricas e sua relação com o nosso conturbado contexto político. Quais direitas foram as ruas, para defender que pautas e de que forma?

TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Cláudia. "Protestos à direita no Brasil (1997-2015)", em Sebastião Velasco e Cruz et al. (Editores). *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 197-212.

ALONSO, Angela. A política das ruas. Protestos em São Paulo, de Dilma a Temer. *Novos Estudos*. São Paulo, especial 49-58, junho, 2017.

10 de abril

10. Mudanças culturais e simbólicas que abalam o Brasil

Marcelo Ridenti (DS)

Apesar de envolver toda a sociedade, a dinâmica social e política da crise por que passa a democracia brasileira é dada pelas lutas sociais que mobilizam as classes médias escolarizadas. Um forte indício nesse sentido está na composição social das manifestações de rua a partir de 2013 e outros dados analisados no artigo, como o acesso crescente ao ensino superior, resultado de mudanças culturais e simbólicas nos últimos anos, sem que tenha havido transformações estruturais.

SINGER, André. Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RIDENTI, Marcelo. "Indústria cultural e imprensa no Brasil da era digital". In: PARDO ABRIL, Neyla Graciela (org.). *Semiótica: comunicación, cultura y cognición*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia; Federación Latinoamericana de Semiótica, 2017, pp. 89-110.
RIDENTI, Marcelo. "Brasil, junio de 2013: la historia de nuevo en las calles" e "La hora y la vez de los jóvenes en Brasil". Fundación Mapfre Historia, Madri. dezembro de 2013. Blog Debate y Perspectivas.

16 de abril

11. O sindicalismo diante do golpe

Andréia Galvão e Dari Krein (DCP / IE)

Discutir de que maneira a crise econômica e política evidenciada a partir de 2014 afetou o sindicalismo brasileiro e como as centrais sindicais se posicionaram ao longo do processo de impeachment. Apresentar hipóteses para explicar por que os trabalhadores sindicalmente organizados estiveram pouco presentes nas manifestações contra ou a favor do impeachment.

GALVÃO, A.; MARCELINO, P. O sindicalismo diante do golpe. Paper apresentado no XXXV Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos, Lima, 2017.

KREIN, J. D.; DIAS, H. Os caminhos do sindicalismo nos anos 2000. *Revista Ciências do Trabalho*, n. 8, 2017.

17 de abril

12. Análise dos processos textuais de construção da categoria "golpe"

Anna Christina Bentes (IEL)

A aula tem como objetivo descrever e analisar como os recursos textuais discursivos mobilizados por diferentes atores sociais na mídia tradicional e nas redes sociais continuam para o sentido global do "golpe de 2016". Para tanto, devemos descrever e tipologizar especialmente as expressões referenciais, as predicções e os conhecimentos evocados a partir desses recursos.

BENTES, A.C.; REZENDE, R.C. Texto: conceitos, questões e fronteiras (con)textuais. In: SIGNORINI, I. (org.) *(Re) Discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008, 19-46.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, P. *Razões práticas*. Campinas: SP: Papirus, 2011.

23 de abril

13. O parlamento e o impeachment de Dilma

Ronaldo de Almeida (DA)

O parlamento foi a arena política decisória do impeachment de Dilma Rousseff. Especificamente, o golpe foi parlamentar. Apesar da reeleição da candidata petista em 2014, o Congresso Nacional eleito, sobretudo a Câmara dos Deputados, foi considerado por muitos naquele momento o mais conservador e fisiológico da história recente do país. Com o foco nos dois primeiros anos (2015-2016) da atual Legislatura Parlamentar, essa aula pretende discutir dois pontos: a) as linhas de ação dos parlamentares que foram predominantemente direcionadas para pautas economicamente liberalizantes, moralmente conservadoras e securitariamente punitivas-repressivas; e b) como essas linhas apresentaram-se discursivamente durante a votação do impeachment.

ALMEIDA, Ronaldo. “Deuses do Parlamento: os impedimentos de Dilma” In: ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo. (orgs) *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: questões conjunturais*. Campinas, editora Unicamp, 2018.

LIMONGI, Fernando. “Impedindo Dilma” In: *Novos Estudos*, Número Especial, jun, pp. 5-13, São Paulo, 2017.

PIERUCCI, A. Flávio. “As bases da nova direita” In: *Novos Estudos*, n. 19, dez. pp. 26-45, São Paulo, 1987

24 de abril

15. O jogo político do STF e o golpe

Andrei Koerner (DCP)

O Poder Judiciário no estado de direito: o imperativo institucional de consistência das decisões judiciais. Oscilação de decisões do STF e política oligárquica: exemplos e análise. Autocontenção: do bloqueio à democratização à sustentação das reformas neoliberais. O elogio ao ativismo nos governos Lula e Dilma. Guardiões da virtude republicana ou justiceiros midiaticizados? O sentido político da oscilação jurisprudencial na crise política de 2015-6: apoio ao golpe.

KOERNER, Andrei. Centralidade e ambivalências do jurídico na ordem constitucional de 1988. Em HOLANDA, C.B., L. Veiga e O. Amaral. *Os Trinta Anos da Constituição de 1988*. São Paulo: ABCP e Fundação Konrad Adenauer, 2018 (no prelo).

KOERNER, A. ; CRUZ, Sebastião Velasco e. Teratologias jurídicas e crise da democracia brasileira. *Carta Maior*. São Paulo,

2016. <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Teratologias-juridicas-e-crise-da-democracia-brasileira/4/35826>

PRONER, C., CITTADINO, G., NEUENSCHWANDER, J., PEIXOTO, K., & GUIMARÃES, M. C. (Eds.). (2016). *A resistência internacional ao Golpe de 2016*. Canal 6 Editora LTDA.

7 de maio

14. Análise lógica das falácias da sentença de Moro

Itala Loffredo (DF)

Análise dos conceitos de argumento, argumento válido, argumento correto e prova. O conceito de falácia. Análise lógica, aqui sem preocupação com questões jurídicas ou políticas, dos raciocínios e argumentos utilizados por Sérgio Moro no corpo da sentença por ele emitida, relativa ao processo em que o ex-Presidente Lula figura como réu, no caso do apartamento triplex do Guarujá. Demonstração de que a sentença contém diversas inferências formais falaciosas, inaceitáveis do ponto de vista lógico e que, portanto, invalidam o conjunto argumentativo e logicamente desqualificam, com base nas premissas assumidas como verdadeiras pelo juiz, as conclusões obtidas e a conseqüente condenação do réu.

CARNIELLI, W.A., Epstein, R.L. *Pensamento Crítico - o poder da lógica e da argumentação*. Editora Rideel, 370 p., 2011

FEITOSA, H. A., PAULOVICH, L. *Um Prelúdio à Lógica*. Editora UNESP, 232 p., 2006.

MANCINI, E. *Falácias de Moro: Análise Lógica da Sentença Condenatória de Luiz Inácio Lula da Silva*, Editora IFIBE, 276 p., 2018. Livro disponível para acesso em <https://drive.google.com/file/d/1BsSkXPLZltZBe3dnNsmMJZyoanfxPwy7/view>

8 de maio

16. Por que foi frágil a resistência ao golpe?

Armando Boito (DCP)

O governo Dilma foi derrotado no Congresso, na Justiça e nas ruas. A resistência ao golpe parlamentar esteve muito aquém do necessário. Esse fato fez com que os golpistas sentissem-se fortes e dessem prosseguimento à ofensiva restauradora do neoliberalismo puro e duro após a deposição do governo eleito. Por que é que os diferentes setores que vinham sendo beneficiados pelos governos do PT não se mobilizaram na defesa do mandato de Dilma Rousseff e da democracia?

MARINGONI, Gilberto “Ascensão e queda de uma utopia tropical”. In Gilberto Maringoni e Juliano Medeiros, *Cinco mil dias – o Brasil na era do lulismo*. São Paulo: Boitempo, 2017.

BOULOS, Guilherme; SIMÕES, Guilherme, “Outra governabilidade era possível – a relação contraditória com o movimento social”. In Gilberto Maringoni e Juliano Medeiros, *Cinco mil dias – o Brasil na era do lulismo*. São Paulo: Boitempo, 2017.

BOITO Jr., Armando, “Por que foi frágil a resistência ao golpe no Brasil?”. *Revista O Comuneiro*, n. 25, setembro de 2017. Acesso em: <http://www.ocomuneiro.com>

Unidade III - As políticas do governo golpista e a resistência popular-democrática

14 de maio

17. Austeridade, reformas e desmonte: a economia política do golpe

Pedro Rossi (IE)

Quais as causas da atual crise econômica, impactos, antecedentes e relação com a crise política? Como um governo sem voto promove, por meio de reformas, a mais importante transformação do Estado da história brasileira recente? Quais os impactos sociais e distributivos dessa transformação e qual o projeto de país subjacente?

FES, Forum21, Plataforma Política Social, GT de Macro SEP. *Austeridade e retrocesso: finanças públicas e política fiscal no Brasil*. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://brasildebate.com.br/documento-desconstroi-a-pec-241-eo-discurso-da-austeridade/>

ROSSI, P., MELLO, G. S. Componentes macroeconômicos e estruturais da crise brasileira: o subdesenvolvimento revisitado. *Brazilian Keynesian Review*, v. 2, n. 2, 2016. Disponível em: <http://www.akb.org.br/revista/index.php/BKR>.

ROSSI, P. MELLO, G. Choque recessivo e a maior crise da história: A economia brasileira em marcha à ré, *Nota do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica - IE/UNICAMP*, n.1, Abril de 2017. Disponível em: http://pedrorossi.org/wp-content/uploads/2017/05/NotaCecon1_Choque-recessivo-2.pdf

SERRANO, F. MELIN, L.E. (2016) Aspectos Políticos do Desemprego: A Guinada Neoliberal do Brasil, *Excedente - Grupo de Economia Política UFRJ*. <http://www.excedente.org/artigos/aspectos-politicos-do-desemprego-a-guinada-neoliberal-do-brasil/>

15 de maio

18. A devastação do trabalho na era Temer

Ricardo Antunes e Magda Biavaschi (DS/IE)

O conjunto de medidas tomadas pelo governo Temer, particularmente a que permite a terceirização ampliada, incluindo as chamadas "atividades fins", bem como a reforma trabalhista, ambas aprovadas pelo Congresso, constituem-se na destruição das principais conquistas trabalhistas

obtidas através de décadas de luta e reivindicação da classe trabalhadora. E, ao assim fazer, inserir o Brasil neste cenário global onde a derrogação dos direitos do trabalho tornou-se uma imposição do capital, sob hegemonia financeira.

ANTUNES, R. **A devastação do trabalho na contrarrevolução de Temer**, in *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <<http://diplomatie.org.br/a-devastacao-do-trabalho-na-contrarrevolucao-de-temer/>>.

BIAVASCHI, Magda Barros. “Reformas Estruturantes”. In: ALVES, Giovanni et alii (Orgs). *Enciclopédia do Golpe*. Bauru: Canal 6, 2017, p. 228-236.

TEIXEIRA, et alii. *Contribuição Crítica à Reforma Trabalhista*. Campinas SP: CESIT/IE/UNICAMP, 2017.

21 de maio

19. As medidas liberadoras da destruição ambiental

Luiz Marques e Roberto do Carmo (DH/DD)

Em 2014, a FAO lançou um manifesto intitulado “Não podemos viver sem florestas”. Seu primeiro parágrafo reitera o que todos sabemos: “As florestas são imprescindíveis para sustentar a vida no planeta (...) e são o lar de 80% da biodiversidade terrestre”. Embora o governo de Dilma Rousseff tenha representado um retrocesso imenso em relação às pequenas, mas indubitáveis, conquistas dos anos Lula, sua destituição pela ampla coalizão que guindou ao poder Michel Temer representa um passo importante para a inviabilização das sociedades contemporâneas. Michel Temer e o grupo que o gere fazem o que se previa que fariam uma vez no poder: o assalto final às últimas salvaguardas socioambientais não derrubadas por Dilma Rousseff.

BOMBARDI, Larissa Mies. Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia, Laboratório de Geografia Agrária, FFLCH/USP, Novembro, 2017

MARQUES, Luiz. "Por uma Universidade implicada na agenda de nosso tempo". *Jornal da Unicamp*, 28/VIII/2017

MARQUES, Luiz. "Em defesa da Amazônia e do Cerrado" *Jornal da Unicamp*, 14/VIII/2017

LOVEJOY, Thomas E.; NOBRE, Carlos "Amazon Tipping Point". *Science Advances*, 21/II/2018 (o artigo será traduzido em seus trechos mais importantes)

22 de maio

20. Golpe, direitos e reforma trabalhista em perspectiva histórica

Fernando Teixeira (DH)

O tema dos direitos e da cidadania está no centro da eclosão de diversos golpes de Estado durante o período republicano brasileiro. O curso visa lidar com essa questão ao considerar os movimentos golpistas de 1937, 1964 e 2006, buscando mostrar que as reações conservadoras e autoritárias visavam, sobretudo, bloquear avanços no terreno dos direitos e da participação dos “de baixo” nos canais institucionais de representação de interesses. Será dado destaque também à “Reforma Trabalhista” de 2017, que expressa o mencionado bloqueio.

TEIXEIRA, Marilaine O. et al (orgs). *Contribuição crítica à reforma trabalhista*. Campinas: Unicamp/Cesit, 2017, pp. 25-56.

SILVA, Fernando T. da. *Trabalhadores no tribunal: conflitos e Justiça do Trabalho em São Paulo no contexto do golpe de 1964*. São Paulo: Alameda, 2016, pp. 21-30.

28 de maio

21. A pressão sobre as terras de ocupação tradicional

Emília Pietrafesa (DA)

Esta sessão do curso versará sobre os efeitos sociais de medidas, projetos legislativos e leis apresentados e apoiados pela base de sustentação do atual governo, notadamente, pela bancada ruralista, que incidem sobre terras de ocupação tradicional, isto é, sobre espaços de vida e trabalho de populações camponesas, indígenas e quilombolas.

ALMEIDA, A.W. "Terras de Preto, Terras de Santo e Terras de Índio: uso comum e conflito", PIETRAFESA DE GODOI, E.; MENEZES, M.; ACEVEDO MARÍN, R. (org.) *Diversidade do Campesinato*, vol. 2 Estratégias de Reprodução Social, São Paulo, Ed. UNESP; Brasília, NEAD, 2009.

LEITE LOPES, J. S. e HEREDIA, B. A. (org.). *Movimentos Sociais e esfera pública: o mundo da participação, burocracias, confrontos e aprendizados inesperados*, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Altos Estudos, 2014.

TORRES, Maurício; DOBLAS, Juan; ALARCON, Daniela Fernandes. *Dono é quem desmata: conexões entre grilagem e desmatamento no sudeste paraense*, São Paulo: Urutu Branco; Altamira: Instituto Agrônomo da Amazônia, 2017.

29 de maio

22. A crise da participação institucional e a resistência ao golpe

Wagner Romão (DCP)

A participação institucional se ampliou consideravelmente no período dos governos Lula e Dilma, na forma de dezenas de conferências nacionais de políticas públicas, criação e remodelamento de dezenas de conselhos nacionais e de outras formas de relação entre Estado e sociedade. Tal processo se deu com tensões e questionamentos sobre sua efetividade, mas permaneceu como uma das ações estratégicas de relação entre o governo, a sociedade e os movimentos sociais. O atual cenário da participação institucional será objeto de análise, sobretudo quanto à sua capacidade de permanecer como espaço de resistência à mudança de orientação das políticas públicas no contexto pós-golpe.

ALMEIDA, Debora C. R. Os desafios da efetividade e o estatuto jurídico da participação: a Política Nacional de Participação Social. *Revista Sociedade e Estado*, v. 32, n. 3, Set./Dez., 2017.

<http://periodicos.unb.br/index.php/estado/article/view/19272>

AVELINO, Daniel; ALENCAR, Joana; COSTA, Pedro. Colegiados nacionais de políticas públicas em contexto de mudanças: equipes de apoio e estratégias de sobrevivência. *Texto para Discussão* 2340. Brasília: IPEA, 2017. http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2340.pdf

ROMÃO, Wagner. Reflexões sobre as dificuldades da implementação da participação institucional no Brasil. *Ideias - Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, v. 6, n. 2, 2015.

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649462>

4 de junho

23. Os usos políticos da violência: da MINUSTAH à intervenção no Rio de Janeiro

Omar Thomaz e Susana Durão (DA)

5 de junho

24. Educação sitiada

Josianne Cerasoli (DH)

A crescente articulação entre dispositivos de gestão educacional, insidiosos currículos avaliados, diagnósticos indutores de “consensos” e formas nem sempre diretas de financiamento público da educação privada no Brasil tem desafiado o usual repertório crítico e tornando inatuais e incompletos alertas contra a “mercantilização” ou os “ataques à educação”. Sob constante assédio, a educação pública tornou-se arena de intensa disputa, acentuada no contexto do golpe com a imposição de uma reforma no ensino médio e de uma base curricular nacional, viabilizadas por sincronizadas ações de think-tanks nas mídias e no congresso nacional.

BAGGIO, Kátia Gerab. Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latino-americanas. Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2016. Disponível em: http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Katia%20Gerab%20Baggio%20_Anais%20do%20XII%20Encontro%20Internacional%20da%20ANPHLAC.pdf. Acesso em 02 mar.2018.

BIANCHETTI, Lucídio; SGUISSARDI, Valdemar. Da universidade à commoditycidade ou de como e quando se a educação/formação é sacrificada no altar do mercado, o futuro da universidade se situaria em algum lugar do passado. Campinas: Mercado das Letras, 2017.

FREITAS, Luiz Carlos de. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola. Educ. Soc., Campinas, v. 35, nº. 129, p. 1085-1114, out.-dez., 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v35n129/0101-7330-es-35-129-01085.pdf>. Acesso em 02 mar.2018.

11 de junho

25. O ataque aos direitos das populações indígenas

Nadia Farage (DA)

A aula tratará da trajetória jurídica e política da noção de "marco temporal" para o reconhecimento dos direitos territoriais dos povos indígenas, desde seu delineamento no julgamento da ação relativa à TI Raposa/Serra do Sol junto ao STF até sua operacionalização pela PEC-215, em vias de votação pelo Congresso. Serão exploradas suas conexões com a CPI da FUNAI/INCRA, em que se evidenciam grupos de pressão e suas premissas políticas.

SILVA, José Afonso da, s/d Parecer [sobre o marco temporal]

CARNEIRO DA CUNHA, M. 2009 O futuro da questão indígena. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo, Cosac & Naify, pp.259-274.

12 de junho

26. A censura às artes

Taisa Palhares / Marcio Seligmann-Silva (DF/IEL)

A aula irá analisar o processo de ataque que o meio das artes visuais (e cultural) vem sofrendo desde o golpe de 2016, da tentativa de extinção do MINC até a criação de uma CPI no Senado na qual artistas e curadores foram depor, acusados, entre outras coisas, de pedofilia. Como reação a esse movimento crescente de policiamento ideológico, as instituições acabam realizando um movimento de autocensura. Por sua vez, uma parte do meio cultural responde com trabalhos de arte e curadorias cada vez mais politizadas. Neste contexto, também práticas artísticas coletivas, que extrapolam o âmbito restrito da “arte”, mostram-se como formas importantes de resistência.

ANJOS, Moacir e Reina, Andrei. “Entrevista: ‘Hora de assumir lados’”. *Revista Bravo!* (online), 2017. Acesso: <http://bravo.vc/seasons/s04e02>.
REIMÃO, Sandra. “Proíbo a publicação e circulação...” – censura a livros na ditadura militar”. *Revista Estudos Avançados*, vol.28 no.80 São Paulo Jan./Apr. 2014. Acesso: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000100008
SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A obra de arte como espaço (crítico) de ação na era fundamentalista”. *Revista Cult* (online). Acesso: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-obra-de-arte-como-espaco-critico-de-acao-na-era-fundamentalista/>
ANJOS, Moacir. "Por uma pedagogia do olhar". ZUM: Revista de fotografia, outubro de 2017 (Site: <https://revistazum.com.br/category/colunistas/>)

18 de junho

27. Autoritarismo e criminalização

Frederico de Almeida (DCP)

Nesta aula pretende-se traçar um panorama dos processos políticos e sociais de criminalização no Brasil pós-ditadura, buscando identificar as linhas de continuidade ao longo dos governos democráticos, e as mudanças decorrentes de momentos específicos, como reformas institucionais e o golpe de 2016. Pretende-se demonstrar que, apesar de haver uma certa permanência de tendências autoritárias e punitivistas a orientarem as políticas de justiça criminal e segurança pública em todo o período, o contexto e a dinâmica políticos do golpe de 2016 e as medidas adotadas pelo governo Temer nessa área sugerem a acentuação daquelas tendências.

ALMEIDA, Frederico de. A criminalização da sociedade tornou-se bandeira política no Brasil. *Justificando*, 22 de outubro de 2015. Disponível em <http://justificando.cartacapital.com.br/2015/10/22/a-criminalizacao-da-sociedade-tornou-se-bandeira-politica-no-brasil/>

DINIZ, Carolina Toledo; ELIAS, Gabriel Santos; PAIVA, Luiz Guilherme Mendes de. Conjuntura da política criminal no legislativo e os nossos desafios para 2018. *Boletim IBCCRIM*, ano 26, n. 303, fevereiro de 2018, p. 6-7. Disponível

em <https://drive.google.com/open?id=1SgI1jwPzWAmMjbjOnr2FMGAgapawFMi>

SINHORETTO, Jacqueline; LIMA, Renato Sérgio de. Narrativa autoritária e pressões democráticas na segurança pública e no controle do crime. *Contemporânea*, v. 5, n. 1, jan.-jun. 2015, p. 119-141 . Disponível em <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/299>

19 de junho

28. O golpe na cultura

Mauro Almeida (DA)

25 de junho

29. Neoliberalismo, crise da democracia e a destruição dos direitos das mulheres

Margareth Rago e Angela Araújo (DH/DCP)

Embora os feminismos tenham questionado radicalmente modos de viver sexistas e racistas, desde a década de 1970, o atual retrocesso político no país traz a ameaça crescente de destruição das recentes conquistas feministas, a exemplo do Programa “Mulher, Viver sem Violência”. Os violentos ataques às políticas feministas e aos direitos das mulheres, desde o Golpe de 2016 dizem respeito não apenas à precarização do trabalho e à reforma trabalhista, mas se evidenciam na ampla

difusão de uma racionalidade política neoliberal, que afeta todas as dimensões da vida social, econômica e política até a própria constituição da subjetividade.

Entrevista de Eleonora M. de Oliveira ao Observatório de Análise Política em Saúde do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, 2017
<http://analisepoliticaemsaude.org/oaps/documento/noticias/Entrevista-Mar2017-Eleonora-Menicucci.pdf>

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro de – “Trabalho, Precarização e Relações de Gênero em Tempos de Flexibilização e Reestruturação Produtiva”
file:///C:/Users/Marga/Downloads/sbs2007_gt29_angela_araujo.PDF

RAGO, Margareth - “Foucault, o neoliberalismo e as insurreições feministas”. In: RAGO, M.; GALLO, S. *Foucault e as insurreições. É inútil revoltar-se?* São Paulo: Ed. Intermeios, 2017, pp. 363-374.

26 de junho

30. Conferência de Encerramento

Luis Felipe Miguel (UnB)